

Carta semanal 16 (2018): Vidas tiradas, vidas vividas



Queridos amigos e amigas,

Ser jornalista é um negócio perigoso. Não é perigoso ser um estenógrafo – ser alguém que regurgita a visão dos poderosos. Um jornalista de verdade é alguém que fica por dentro das histórias que nos cercam, que procura respostas para perguntas difíceis, que não deixam uma história, porque isso seria trair tanto as pessoas que nos contam essas histórias quanto aquelas que precisam ouvi-las.

Até agora, de acordo com o Comitê para a Proteção aos Jornalistas, vinte e oito jornalistas foram mortos este ano. Muitos desses jornalistas foram mortos no Afeganistão. Seus nomes não são bem conhecidos, então aqui estão eles:

Abdullah Hananzai

Abdul Manan Arghand

Ali Saleemi

Ghazi Rasooli

Maharram Durrani

Nowroz Ali Rajabi

Sabawoon Kakar

Saleem Talash

Shah Marai

Yar Mohammed Tokhi

Ontem, Shujaat Bukhari foi morto a tiros na Press Colony de Srinagar. Para os que escrevem no *The Hindu* – onde ele era um correspondente – e para o Frontline – onde ele era o Chefe do Departamento de Jammu e Caxemira – Shujaat não é outro nome em uma lista. Ele era um colega e um amigo, um corajoso repórter, um verdadeiro jornalista. Ele tinha recebido proteção policial desde o ataque que sofreu em 2006. Nesse ataque, seus dois seguranças também foram mortos a tiros. Três homens esperavam por ele. Depois que eles atiraram nele e seus guardas mortos, eles saltaram em uma motocicleta e fugiram da cena.

Jammu e Caxemira, o estado do norte da Índia, tem sido perigoso para o jornalista desde que o diretor de televisão de Doordarshan, Lassa Kaul, foi morto por militares em 1990. Estes não foram os únicos agressores. Soldados indianos também manifestaram sua ira contra os jornalistas – lembramos a morte do cinegrafista Javed Ahmed Mir, que foi baleado durante uma manifestação em 2008. Em 1996, Shujaat foi sequestrado por homens armados em Anantnag e mantido por várias horas. Uma década depois, dois pistoleiros se apoderaram dele. Quando alguém tentou atirar nele, sua arma travou. Shujaat – bravamente – fez sua fuga. Naquela época, Shujaat disse algo que soa verdadeiro até hoje: “É praticamente impossível saber quem são seus inimigos e quem são seus amigos”. Não está claro quem assassinou Shujaat.

Shujaat foi baleado no mesmo dia em que as Nações Unidas pediram uma avaliação independente das violações dos direitos humanos em Jammu e Caxemira. No relatório de 49 páginas da ONU, foram detalhadas as acusações dessas violações. É com base neste relatório que o chefe do Conselho de Direitos Humanos da ONU pediu a criação de uma Comissão de Inquérito.

Duas semanas antes de ser assassinado, Shujaat entrou no twitter para documentar a terrível morte do Kaiser Bhat, de 21 anos, que havia sido atropelado por um jipe do exército indiano. Shujaat compartilhou um vídeo do ataque ao Kaiser Bhat e disse: “Essas fotos do centro de Srinagar são muito perturbadoras. Esta é uma maneira horrível de sufocar um protesto”. Este é o tipo de indignação clara que veio de Shujaat. Depois de postar o vídeo e a foto, Shujaat começou a ser atacado. “Eu estou sendo perseguido”, escreveu ele.

As irmãs de Kaiser Bhat – Toiba, de 19 anos, e Iffat, de 17 anos – choraram quando souberam que seu irmão havia sido atropelado e morto pelo jipe do exército indiano. “Para onde iremos agora”, elas perguntaram, em vozes fracas de pesar. Seus pais já haviam morrido. Elas moravam com o tio e a tia. Kaiser decidiu abandonar seus estudos e conseguir um emprego, para poder ganhar dinheiro para garantir que suas irmãs continuassem com sua educação. Isso foi importante para elas. Era inevitável que Kaiser se envolvesse nos protestos contra a presença militar indiana intolerável e sufocante no vale da Caxemira. Existem mais de 700.000 soldados indianos na Caxemira. O governo indiano disse que não há mais de 150 militares no estado. O que a matemática faz com que essa proporção – 700.000 a 150 – seja razoável é inacreditável. Os soldados são treinados para ver um “terrorista” por trás de cada árvore. Dada a imensa autoridade do Ato de Poderes Especiais (AFSPA) das Forças Armadas (Jammu e Caxemira) de 1990, sabe-se que esses soldados agiram com impunidade contra os civis da Caxemira. Não admira que o novo relatório da ONU exorta o governo indiano a revogar imediatamente esta lei. Para ter uma noção de por que esse ato – AFSPA – é um ponto de discórdia, leia o artigo de Shujaat no *Frontline* (16 de março de 2018) sobre os disparos de Shopian ([aqui](#)).

A cobertura de Shujaat para o *Frontline* é uma acusação da política do governo indiano na Caxemira, mas também oferece uma forte crítica à degeneração da política no estado. Mais recentemente, em 11 de maio, Shujaat liderou a cobertura do Caso de Estupro Kathua. Você pode ler a história principal dele sobre o caso [aqui](#). Os escritos de Shujaat nos mostram com precisão e sentimento que a Caxemira está em profunda angústia. Shujaat escreveu uma história em março que rastreou por que tantos jovens se voltaram para a militância (você pode ler [aqui](#)). Em um de seus últimos tweets sobre a morte de Kaiser, Shujaat escreveu que as autoridades têm que perceber “por que esse medo da morte está faltando na juventude da Caxemira”. É por causa de sua reportagem que uma questão séria deveria ter sido levantada após a morte de Kaiser. A questão não é por que um jovem tão sensível e generoso como Kaiser se envolveria. A verdadeira questão é por que todo mundo no vale da Caxemira não está na rua todos os dias. Kaiser juntou-se aos protestos e foi morto.

Em 2016, Shujaat disse sobre os perigos para os jornalistas: “Ameaças à vida, intimidação, agressão, prisão e censura fizeram parte da vida de um típico jornalista local”. Sua vida agora está tomada. Será lembrado.



A foto acima – de Ezzeldeen al-Natour, um fotojornalista jordaniano – capta os protestos em sua terra natal.

Shujaat Bokhari teria o prazer de acompanhar a eclosão de protestos em ambos os lados do rio Jordão – na Palestina e na Jordânia. Na Palestina, a raiva da população contra o que aconteceu ao longo da cerca da fronteira de Gaza e o que acontece todos os dias com os palestinos agora se transformou em **ação**. Os protestos em Ramallah pediram um novo tipo de política, que não negocie as esperanças palestinas, mas que seja capaz de trazer as visões palestinas para a frente. Na Jordânia, a monarquia está presa entre os Estados Unidos e Israel que quer que a Jordânia afirme seu tratado com Israel para sufocar as esperanças palestinas e a população palestina na Jordânia que quer que os jordanianos revoguem o odiado tratado de paz, que pressionaria Israel. Mas, como o marxista turco Sungur Savran observa **aqui**, este protesto é – no núcleo – um protesto contra o aperto econômico que a população sofre. Estes são ambos sinais positivos. Um ex-alto funcionário do governo da Jordânia escreve para me dizer: “será sensato manter Jordânia na sua tela de radar”. Então também a Palestina.

Os protestos na Palestina são significativos. Duas semanas atrás, eu lhes apresentei o trabalho do Stop the Wall, que tenta estabelecer conexões entre as várias organizações palestinas, como sindicatos, associações de agricultores e grupos de jovens. Esse trabalho, por mais difícil que seja, acabará por produzir um novo projeto palestino. É nessa direção que oferecemos nossa solidariedade. Não por uma abstração, mas por uma política tangível. Na Índia, não só o Kisan Sabha de toda a Índia – o sindicato dos pequenos agricultores – mas também a Federação de Estudantes da Índia saíram pela Palestina. Isso é pelo menos vinte milhões de indianos que estão com a Palestina (você pode ler meu relatório sobre essa solidariedade **aqui**).



Enquanto isso, no outro extremo da Ásia, em Singapura, Donald Trump dos Estados Unidos reuniu-se com Kim Jong-un, da Coreia do Norte. Muito se fez deste encontro, que – embora breve – abriu uma nova dinâmica histórica. Kim veio para a reunião em um avião da Air China. Isto não é pequeno detalhe. É muito significativo. A China está por trás deste acordo. Está profundamente preocupada que os Estados Unidos estejam ansiosos em avançar com suas tropas até a fronteira chinesa na península coreana. Os chineses temem que isso possa ocorrer se a Coreia do Norte implodir e se for absorvida pela Coreia do Sul. Essa é a razão pela qual os chineses estão ansiosos para que os norte-coreanos façam uma reaproximação com o Ocidente e com a Coreia do Sul, a fim de manter o *status quo*. Kim fez poucas concessões, mas conseguiu obter garantias dos Estados Unidos para amenizar sua beligerância (para ter uma noção completa – mas breve – das tensões na península coreana, veja nosso primeiro **dossiê** do **Tricontinental: Instituto de Pesquisa Social**). Os norte-coreanos se comprometeram a desnuclearizar a península desde 1992. Não há nada de novo aqui. O que eles querem dizer com desnuclearização é o problema real. Não estará na mesa por muito tempo ainda. Não espere que a Coreia do Norte siga o caminho da Alemanha Oriental ou da Líbia. Os chineses jogaram peso. Eles têm todos os trunfos. Para o meu relatório mais detalhado, veja **aqui**.

Estive em um voo de Kerala para o Qatar enquanto escrevia esta carta semanal. Estava pensando em tantos outros amigos, outros jornalistas, que foram mortos no ano passado – Syed Saleem Shahzad no Paquistão, Sardar Ahmad no Afeganistão, Serena Shim na Turquia, Gauri Lankesh na Índia e em diante. Tantos rostos brilhantes, tantos escrutinadores da verdade, acabaram.

Uma boa notícia: a tentativa de legalizar o aborto avança com a luz verde do Congresso argentino. Isso, combinado com a recusa do time de futebol argentino em jogar contra Israel, é um bom sinal do Cone Sul. Talvez Messi, que teria insistido que seu time não jogue contra Israel enquanto os palestinos estiverem ocupados, pode sair com sua Copa do Mundo. Ou será o Brasil? Ou eu sou romântico o suficiente para esperar pelo Irã ...

Cordialmente, Vijay.